

Entre a sombra e o mergulho, uma casa que ri. Casa Baltazar de Castro, Braga, 1963–1965

João Castro Ferreira

Arquitecto, Mestre assistente, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade
Fernando Pessoa

jferr@ufp.pt

RESUMO

A Casa Baltazar de Castro foi projectada e construída entre 1963 e 1965 e é omissa, quase sem excepção, em toda a historiografia da arquitectura portuguesa. A operacionalidade da utilização de temas, definidos por outros autores a propósito do estudo de obras arquitectos contemporâneos, como fizemos em relação às leituras propostas por: Fernandez da obra de José Carlos Loureiro, por Moneo das obras de Stirling e Siza e por Stirling da obra de Le Corbusier, na análise da obra de Celestino de Castro, demonstra, em nossa opinião, o carácter informado e cosmopolita das reflexões que enformam a obra deste arquitecto e em particular a Casa Baltazar de Castro. Esta é uma casa na "fronteira", quer na biografia do autor, quer na história da arquitectura portuguesa em que participa, em nossa opinião, de pleno direito. Na fronteira entre o modernismo e o pós-modernismo, entendido este como a crise das grandes narrativas, a casa Baltazar Castro exprime a inquietação da aproximação de tempos diversos, mas não dá, ainda, o passo para a construção de um novo paradigma. São disso relevadores, nomeadamente, a evolução da expressão plástica e espacial para uma cada vez maior personalização e riqueza volumétrica, o acentuar da importância dos sistemas construtivos e materiais, e a redescoberta de uma relação estreita com o solo e a envolvente próxima.

PALAVRAS-CHAVE

Celestino – Arquitectura – Moderno – Braga – Anos 60 – Portugal

ABSTRACT

Baltazar Castro House, designed by the architect Celestino de Castro, was built between the years 1963 and 1965. Although the author is a well-known architect, his house is without explanation ignored, given that no reference of it in the historiography of the modern Portuguese architecture exists. In this brief text, I try to explain that this invisibility is incoherent with the intrinsic quality of the building. This is done by first analysing a set of key concerns and ideas, defined by certain authors, in the study of other architects (contemporaries of CC), such as: Fernandez on Loureiro, Moneo on Siza and Stirling and Stirling on Le Corbusier, and then using the same concerns and ideas for analysing Celestino de Castro house. This method of analysis led me to recognise the informed and cosmopolitan character of Celestino de Castro' work and of his building in particular, since it was possible to identify on both the same key concerns and ideas. I highlight as the most significant characteristics of this house its unique and strong formal spatial expression, its volumetric complexity and the way it rediscovers a more intense relation with the ground level and the urban environment.

KEYWORDS

Celestino – Architecture – Modern – Braga – Sixties – Portugal

Why should it be so difficult to describe the experience of architecture? [SCRUTON, 1979, pp71]



Casa Baltasar de Castro, Fotografia Exterior (Nunes, 2007, pp. 87)

A Casa Baltasar de Castro (médico e irmão mais velho de Celestino de Castro) foi projectada e construída entre 1963 e 1965. Neste período o autor encontrava-se em Portugal, mas clandestino, condição que manterá até vinte e oito de Setembro de 1965, quando inicia o seu exílio em Paris, de onde só regressará após o 25 de Abril de 1974. A invisibilidade que a clandestinidade pressupõe, parece ter sido adoptada também para o edifício, uma vez que é omissa, quase sem excepção, em toda a historiografia da arquitectura portuguesa. Esta omissão poderá decorrer da ausência no estrangeiro do autor nos anos subsequentes aos da respectiva construção, mas não, da qualidade intrínseca da obra, que merece, em nossa opinião, uma maior atenção.

Quando esta casa é projectada e construída, Celestino de Castro tem já um percurso profissional de mérito reconhecido, tendo participado activamente nos principais momentos de afirmação da moderna arquitectura portuguesa: O.D.A.M.



Casa Baltasar de Castro, Fotografia Exterior (Nunes, 2007, pp. 87)

(Organização dos Arquitectos Modernos), I.C.A.T. (Iniciativas Culturais de Arte e Técnica), E.G.A.P.'s (Exposições Gerais de Artes Plásticas), I Congresso Nacional de Arquitectura de 1948, tradução da Carta de Atenas, Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal e sendo autor de obra que perdura, como referência incontornável para a compreensão da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX. Será importante referir que este contributo é conseguido com um escasso número de projectos efectivamente construídos e em que se destacam as casas nas ruas de Santos Pousada e do Ameal, na cidade do Porto, de 1950 e 1953, respectivamente. Estas obras mereceram destaque da crítica, quer contemporânea, quer actual e de que são exemplos, que entendemos significativos, respectivamente: Manuel Tainha (1953, pp. 21) que a propósito da 7ª E.G.A.P. em que Celestino de Castro participa com painéis alusivos às casas do Porto escreve na revista *Arquitectura* “...consideremos as obras de Celestino de Castro [...] estamos perante uma afirmação desta probidade que os coloca dentro da linha geral das nossas melhores tradições construtivas.” e Ana Tostões que na sua tese de doutoramento (2002, pp. 389) e a propósito das mesmas obras, refere:

“A concretização da mais pura lição Corbusiana será realizada pela mão do jovem portuense Celestino Abreu de Castro (1920), na altura já radicado em Lisboa onde terminou o curso, com duas moradias urbanas exemplares”.

Ao analisar estas duas obras, Casa Santos Pousada e Casa do Ameal, Sérgio Fernandez (1988, pp. 84–85), destaca a similaridade dos princípios que regem a sua concepção, apesar da diferença do respectivo contexto:

“No primeiro caso [Santos Pousada] tratava-se de uma construção de duas frentes e no segundo [Ameal] de uma moradia isolada. Ambas se inscrevem numa planta quadrada que disciplinará os seus volumes e nas duas se fará uso de uma estrutura aparente modulada. As paredes das empenas constituirão elementos resistentes, deixando que nas outras fachadas se jogue livremente com cheios e vazios de profundo contraste. A restrição imposta pelo talhão de duas frentes é assumida com o mesmo significado...garantindo-se assim uma grande independência relativamente às construções vizinhas.”

Se aplicarmos estes critérios de análise à Casa Baltazar de Castro, constatamos de imediato diferenças substanciais: a planta não se inscreve num quadrado (ou noutra figura geométrica regular) que discipline o volume construído, a estrutura não é aparente e as empenas não têm um valor e leitura diferenciada e oposta às restantes fachadas. Curiosamente e pelo contrário, se lermos a descrição, do mesmo autor, (FERNANDEZ, 1988, pp. 149), da casa projectada por José Carlos Loureiro em 1961 para Júlio Resende,

“regista-se o desejo de iludir uma geometrização demasiado rígida; as paredes abandonam, por vezes, a ortogonalidade que o esquema adoptado sugere e os espaços articulados com alguma liberdade, são desenvolvidos em diferentes níveis. Tenta-se por esse meio, obter uma sensação de complexidade e simultânea fluidez...”

verificamos a adequação da mesma ao caso em estudo o que nos permite constatar uma evolução significativa dos princípios conceptuais na obra de Celestino de Castro que é partilhada por obras contemporâneas de outros autores.

Celestino de Castro faz parte da geração de arquitectos nascidos cerca de 1920 e formados no final da década de 40, que Ana Tostões, (2002, pp.367 e 567), designa de *“jovens modernos do congresso [...] cujas CODA [Curso para a obtenção de diploma de arquitecto] constituíam oportuni-*

dade primeira de afirmação dos ideais modernos”. Contudo, esta geração, ao mesmo tempo que afirmava com “radicalidade” a adesão irreversível ao movimento moderno, será quase em simultâneo confrontada com a urgência da sua profunda revisão, de que, Manuel Taíña, (1953, pp. 21) ainda a propósito da 7ª E.G.A.P., já em 1953, dá conta de forma acutilante:

“...a manipulação do facto arquitectural restringida a este vector (“radicalismo técnico e funcionalístico”) sofre de privação de matéria nutritiva que é a própria vida; e cria em si um plano de deslizamento para a abstracção cujos meandros representam uma forma subtil e irresistível de alienação.”

É neste contexto que a atenção dispensada à obra de Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright ou Ernesto Rogers (NUNES, 2007), [recordamos a incredulidade com que foi acompanhada, por muitos seguidores, a evolução da obra de Le Corbusier no pós-guerra, ou a emocionada descrição de Távora (1960) da visita a Taliesin, em que, ainda à luz da ideia de progresso, se questiona, se Giedion estaria, tal como Zevi então defende, enganado, ao colocar Frank Lloyd Wright (FLW) como anterior a Le Corbusier], é essencial, para compreender o caminho tomado pela arquitectura portuguesa na segunda metade dos anos 50 e continuado nos anos sessenta. É nesta época, que de acordo com Manuel Mendes, (1987, pp. 67):

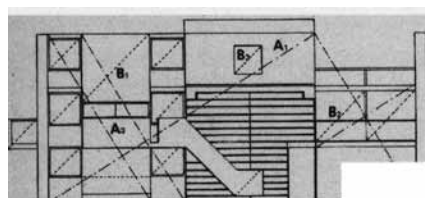
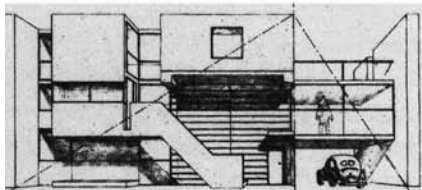
“...l'adhésion et l'enthousiasme pour la “convivialité” dès espaces de Leslie Martin, le démontage constructif de l'histoire de Stirling, l'organisation rituelle de l'espace de Khan, l'éclecticism catalan [...]l'expérience d'auster se place entre le mythe moraliste de la fonction sociale de l'architecte et la preservation de l'architecture en tant que discipline de recherche formelle dans l'organisation de l'espace: le brutalism et le “néo-empirisme aaltien” comme information et recherche de la synthèse transitoire des “rites de l'enquête”, traduits par les références formelles de la tradition populaire et de l'acceptation critique de la “tradition du nouveau.”

Apesar disso, entendemos que para compreensão da obra de Celestino de Castro e em particular da Casa Baltazar de Castro e sem prejuízo da importância que a (re)descoberta da obra de outros autores e referências têm, a referência

mais relevante continua a ser a obra de Le Corbusier. A este propósito, entendemos útil estabelecer um paralelismo entre, o percurso de Celestino de Castro, e a obra escrita e projectada de James Stirling entre 1951 e 1958, em particular os projectos: *Core and Crosswall House* de 1951, *Casa Woolton* de 1954, Edifício multifamiliar *Ham Commom* de 1955-58 e o texto "*Garches to Jaoul: Le Corbusier as domestic architect in 1927 and 1953*" publicado pela primeira vez em 1955.

Ao analisar o percurso de Stirling, Rafael Moneo destaca: a propósito de *Core and Crosswall House*,

"La presencia lecorbusiana se hace sentir con fuerza...no tanto en los elementos linguisticos – como la ventana horizontal y la escalera, el énfasis puesto en los trazados reguladores y en la frontalidad de la casa – sino también en los elementos constructivos y en la importancia que, de acuerdo com el Le Corbusier de los años cincuenta, se concede a los materiales...tiene una certa propensión a lo volumétrico...",(2004, pp. 12),

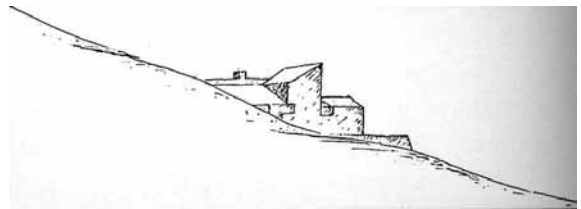


Core and Crosswall House de James Stirling – Alçado e Perspectiva (Moneo, 2004, pp. 12)

a propósito da casa *Wolton*,

"...momento en el que surgen las primeras criticas al Movimiento Moderno en Inglaterra...[la casa] hace hincapié en la riqueza de un perfil pintoresco, que es el resultado de la aparición de una habitación más alta, de una chimenea, de una ventana, de un tejado...está atenta a su conexión com

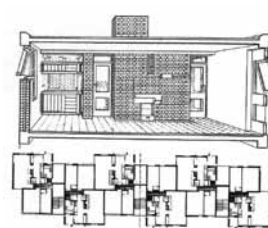
el suelo y busca assentarse el él sin esfuerzo, sin lucha, sin establecer aquella dicotomía entre lo construído y el lugar explicita el las pilotis lecorbusieriano",(2004, pp. 15),



Casa Woolton de James Stirling – Maquete e Perspectiva (Moneo, 2004, pp. 14)

e a propósito de *Ham Commom*:

"el proyecto que hace entrar a Stirling con fuerza el escena arquitécnica inglesa...la influencia del Le Corbusier está presente tanto en los interiores como en los exteriores...La exageración se manifiesta por la autonomía que se concede a los elementos: ventanas, vierteaguas, chimeneas...",(2004, pp. 16),



Ham Commom de James Stirling – Corte/Perspectiva, Planta e Fotografia (Moneo, 2004, pp. 16)

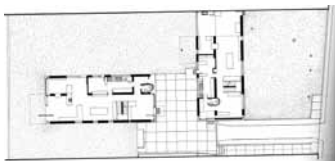
Não deixam de ser relevantes, mesmo sem ser possível estabelecer uma conexão directa, os elementos e temas de composição comuns às obras dos dois arquitectos, nomeadamente a evolução da expressão plástica e espacial para

uma cada vez maior personalização e riqueza volumétrica, com o acentuar da importância dos sistemas construtivos e materiais, e com a redescoberta de uma relação estreita com o solo e a envolvente próxima.

Em "*Garches to Jaoul: Le Corbusier as domestic architect in 1927 and 1953*" James Stirling começa por considerar estas duas casas como as obras mais significativas de Le Corbusier em Paris, por representarem, em seu entender, os dois extremos do vocabulário arquitectónico lecorbusiano: *Garches*, racional, urbano, programático; *Jaoul* pessoal e anti-mecanicista. Esta eleição, que não é consensual, conforme se pode facilmente verificar pelo comentário de David Crowe, (ROWE, C., 1996, pp.344-345), durante uma visita conjunta a Paris em 1959, "*Jim, you mustn't rave about the Maisons Jaoul. They are just not that good, you know*", é reveladora da importância central que assume para Stirling a evolução da linguagem arquitectónica na obra de Le Corbusier.



Villa Stein em Garches, Fotografia Exterior (Palazzolo et al., , 1989, pp. 80)



Casa Jaoul, Fotografia Exterior (Palazzolo et al., , 1989, pp. 91)

Na análise que Stirling propõe destas duas casas entendemos destacar, a propósito de *Garches*: a escala heróica, a preponderância da perspectiva frontal em prejuízo das perspectivas laterais de escassa relevância, os espaços internos independentes da estrutura, em que a "explosão em termos de espaço cubista" é contida nos quatro muros perimetrais e com escasso reflexo no exterior, a habitabilidade que pressupõe um modo de viver que não se encontra ainda consolidado e que é prospectivo; a propósito de *Jaoul*, destacamos: os muros portantes, que implicam uma concepção celular subordinada às abóbadas "catalãs", a relação volumétrica com a natureza de um jogo, a atenuação da penetração de luz natural no interior, os vãos assumidos como um quarto plano tirando partido expressivo da profundidade dos paramentos, a construção assumidamente artesanal, o uso que não desafia o *status quo* do modo de viver corrente, quer rural, quer urbano. De comum às duas casas é relevante a expressão da domesticidade pela circulação interna, organizada por um percurso complexo e intrincado, que Stirling contrapõe ao que sucede nos edifícios colectivos de Le Corbusier ou FLW ou nas casas de Mies Van Der Rohe.

A partir das leituras e análises apresentadas não é difícil sugerir um paralelismo e abordar a Casa Baltazar Castro, destacando como suas principais características:

- concepção tendencialmente celular, com volumes diversos num jogo compositivo de intersecções parciais;
- procura de uma escala "doméstica" com recurso a estrutura interna intrincada numa sucessão de surpresas articuladas por perspectivas laterais e assimétricas;
- o jogo volumétrico "explode" tridimensionalmente, com forte expressão da profundidade que se estende ao tratamento dos vãos;
- a lógica construtiva tem correspondência estrita na expressão plástica, que distingue claramente cada um dos seus componentes: estrutura resistente, paramentos de alvenaria de preenchimento, revestimento, caixilharias, elementos de sombreamento, impermeabilização, caleiras e algerozes, etc.;
- apurado detalhe e diversidade dos sistemas construtivos com particular destaque para os elementos de remate, que adquirem lógicas próprias e independentes dos materiais a

rematar [o rodapé no plano vertical que prossegue rebatido no plano horizontal do pavimento transformando-se em taveira de remate do pavimento junto do vão das escadas];

- a forte expressão do remate superior do edifício com particular destaque para as coberturas inclinadas;
- organização dos espaços internos celular com cada função a corresponder a um espaço e volume distintos;
- luz natural muito controlada, diversificada e específica em função da caracterização espacial pretendida;
- respeito das características morfológicas e tipológicas da malha urbana, mas com um força plástica que ultrapassa as dificuldades inerentes à banalidade do lote, conquistando diversidade espacial com a marcação de modo muito acentuado da verticalidade e da variedade de espaços exteriores.

A operacionalidade da utilização de temas, definidos por outros autores a propósito do estudo de obras outros arquitectos contemporâneos de Celestino de Castro, como fizemos em relação às leituras propostas por: Fernandez da obra de José Carlos Loureiro, por Moneo das obras de Stirling e Siza e por Stirling da obra de Le Corbusier, demonstra, em nossa opinião, o carácter informado e cosmopolita das reflexões que enformam a obra deste arquitecto e em particular a Casa Baltazar de Castro.

Esta é uma casa na "fronteira", quer na biografia do autor, quer na história da arquitectura portuguesa em que participa, em nossa opinião, de pleno direito. Na fronteira entre o modernismo e o pós-modernismo, entendido este como a crise das grandes narrativas, a casa Baltazar Castro exprime a inquietação da aproximação de tempos diversos, mas não dando, ainda, o passo para a construção de um novo paradigma. Esta diferença é muito nítida quando analisamos a cuidada, rigorosa e diversificada pormenorização construtiva e a comparamos com a obra de Siza Vieira. Entendemos pertinente "*ver la obra de Siza como un compuesto de toda una série de vocablos autónomos, ligados entre sí via la trama que el arquitecto há urdido en torno a ellos*". (MONEO, R., 2004, pp201), enquanto em Celestino de Castro as partes ainda são claramente subordinadas e posteriores a um esquema geral, utilizando uma plêiade de materiais muito variada e estabelecendo, sempre, uma articulação muito directa entre o seu uso e as respectivas características específicas. Apesar de em Siza Vieira, não detectarmos o

abandono da procura de uma narrativa integradora (sublinhamos a importância da utilização por Moneo da palavra "composto" à luz da importância que Távora, [1957], dá à diferença entre "composto" e "mistura"), esta busca é, cada vez mais heterodoxa, fundada no casuístico e articulado de contingências: "*..en el caso de Siza estamos ante un arquitecto que atiende a lo contingente, a lo inesperado...*", (MONEO, 2004, pp200).

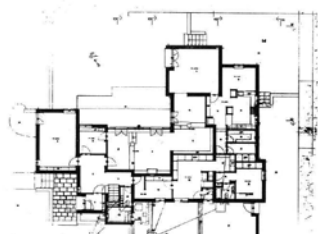


Casa Baltazar de Castro, Fotografias Interiores (Nunes, 2007, pp. 88)



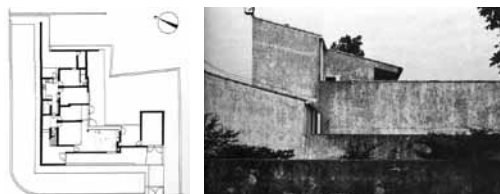
Casa Baltazar de Castro, Fotografias Exteriores (Nunes, 2007, pp. 88)

Mas a designação “fronteira” é ainda mais assertiva no plano da vida privada de Celestino Castro, uma vez que a concepção desta casa antecede a sua partida para o exílio em Paris. À luz destas circunstâncias e até em comparação com algumas características emergentes da produção arquitectónica contemporânea, não deixam de ser desconcertantes, algumas das características plásticas da casa Baltazar de Castro. Em tempos em que “os tectos andavam baixos”, em particular para quem estava, na “sombra” ou “mergulhado”, (PEREIRA, 1993), não por coincidência, muitos, optam, em particular nos programas de habitação unifamiliar, por soluções centradas em patios interiores, muito fechadas em relação à envolvente urbana, assumindo como valores prioritários o resguardo e o mutismo em relação ao exterior. São em número significativo as casas, construídas nesta época, invisíveis a partir do espaço público ou que se dissolvem na expressão de muros cegos. Recordamos, a título exemplificativo, a Casa Eng. Guilherme Álvares Ribeiro (1966–67) de Fernando Távora e as Casas Alves Santos (1966–69), e Manuel Magalhães (1967/1970) de Siza Vieira.



Casa Eng. Guilherme Álvares Ribeiro (1966–67) de Fernando Távora, Planta e Fotografia Exterior (TRIGUEIROS, 1993, pp196)

A Casa Baltazar Castro, ao contrário dos exemplos anteriormente apontados, estabelece uma forte relação com a envolvente urbana. Sem transgredir as regras do tecido urbano em que se integra, [cércea, tipologia, uso, alinhamentos], não



Casas Alves Santos (1966–69) de Siza Vieira, Planta e Fotografia Exterior (A+U, 1989, pp205)



Casas Manuel Magalhães (1967/1970) de Siza Vieira, Planta e Fotografia Exterior (A+U, 1989, pp206)



Casa Baltazar de Castro, Fotografias Exteriores (Nunes, 2007, pp. 87)

deixa de desinquietar quem passa com: a textura exuberante, a volumetria bailarina, a marcação de um movimento vertical ascensional e a articulação cuidada com a envolvente (criando espaços exteriores diferenciados) de todas as fachadas. Interpretamos esta diferença, não tanto como fruto da diferença geracional, mas da opção pela expressão da esperança em detrimento da expressão da contingência.

A superação da contingência, está bem presente no modo como é tratada e encarada o mais básico e primordial elemento de conforto, a luz natural. A luz, elemento de composição, que atravessa, sempre com importância primordial, a obra de Celestino de Castro, é tratada com um cuidado meticuloso, potenciando o seu valor, mas sem esquecer que pode cegar, (CAMUS, 1960, pp. 130–131). Entendemos este cuidado como a expressão duma esperança num mundo melhor baseado na racionalidade, mas não no tempo de uma utopia, mas, sim, no tempo da construção – hoje.

Talvez por isso e após a fugaz análise aqui apresentada e que mais não é que o desafio para que surjam outras mais profundas e certas, subsiste, para nós, como mais importante, uma casa que se nos riu, quando ainda estudantes. Um riso que viemos a reencontrar, cerca de dezasseis anos depois, a 28 de Março de 2007, pela mão de Pedro Nunes, no nº6 da Rua Fernão Álvares Oriente, da cidade de Lisboa. A desinquietação suscitada por esta casa, nasce, de uma contida mas clara expressão da “joie de vivre”. Saibamos, hoje, em tempos mais “doces”, continuar a criar, com as nossas casas, espaços para a alegria da desinquietação. Casas que riam. Para quem passa (BENJAMIN, 2006, pp. 37–67), mas também, para quem entra, para quem está e para quem sai. Para todos. “Dwelling presupposes a poetic, phenomenological attitude to everything.” (NORBERG-SCHULZ, 2000, pp. 123). Talvez, este, seja um sonho totalitário. Talvez, este, seja um sonho que valha a pena (ar)riscar.

BIBLIOGRAFIA

- Benjamin, Walter, (2006) *A Modernidade*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- CAMUS, A.. *O Estrangeiro*. Lisboa, Livros do Brasil.
- FERNANDEZ, Sérgio, (1988). *Percurso – Arquitectura Portuguesa 1930/1974*, Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, (coleção Textos Teóricos).
- MENDES, Manuel, (1987). Porto: *Ecole et Projets 1940–1986*. In: CROSET, Pierre-Alan, (Ed.). *Architectures à Porto*. Liège, Pierre Mardaga éditeur. Pp.42–84.
- MONEO, Rafael, (2004). *Inquietud teórica y estrategia proyectual el la obra de ocho arquitectos contemporâneos*. Barcelona, Actar.
- NORBERG-SCHULZ, C., (2000). *Principles of Modern Architecture*, London, Andreas Papadakis Publisher.
- NUNES, P., (2007). *Depoimento de Celestino de Castro*. In: *Celestino de Castro – Valores em Arquitectura*, Porto, UFP
- PEREIRA, J.P. (1993.) *A sombra. Estudo sobre a clandestinidade comunista*. Lisboa, Gradiva.
- ROWE, C., (1996). *Eulogy: Jim Stirling*. In: CARRAGONNE, A. (Ed.). *As I was saying – Recollections and Miscellaneous Essays – volume III – Urbanistics*. Cambridge, Massachusetts, London, England, The MIT Press, pp. 341–352.
- SCRUTTON, R., (1979). *The aesthetics of architecture*, Princeton, Princeton University Press.
- STIRLING, James, (1955). *Da Garches a Jaoul*. (tradução de Paola Zoffoli). In PALAZZOLO, Carlo, VIO, Riccardo, (Ed.), (1989). *Sulle tracce di Le Corbusier*. Venezia, Arsenale Editrice. Pp. 80–91.
- TAÍNHA, Manuel, (1953). *VII Exposição Geral de Artes Plásticas 7ª EGAP* In *Arquitectura*, 2ª série, nº 48, Agosto de 1953.
- TÁVORA, F., (1957). *Ofir*. In: TRIGUEIROS, L.(Ed.). *Casa de férias em Ofir*. (1992) Lisboa, Editorial Blau, pp. 4–7
- TÁVORA, F., (1960). *Abril, 9, Sábado, 1960*. In: TRIGUEIROS, L.(Ed.). *Fernando Távora*. (1993), Lisboa, Editorial Blau, pp. 93–96.
- TOSTÕES, Ana, (2002). *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Lisboa, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa.